

A ÉTICA DA AUTENTICIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

ALONSO CASTRO COLARES JÚNIOR
Doutorando em Cognição e Linguagem
Bolsista FAPERJ/UENF
alonsocolares@gmail.com

JULIO CESAR RAMOS ESTEVES
AUTOR, Segundo
*Qualificação acadêmica (Exemplo: Doutorando do Programa
de Pós-Graduação em Sociologia Jurídica da Universidade
Estadual do Acre – Em itálico)*
Bolsista CAPES
E-mail

Introdução

O tema desta pesquisa é a ética da autenticidade e sua influência na contemporaneidade. Esse fenômeno social tem sido observado nas mais variadas esferas do conhecimento desde cientistas sociais a filósofos. Dentre os estudiosos deste fenômeno social, Charles Taylor em sua obra *A Ética da Autenticidade* inicia sua tese com um inventário de manifestações comportamentais com relevância moral, que constituem “Três mal estares da sociedade” (1991, 1). Para esse trabalho, vamos nos ater somente o mal-estar que mais preocupava o autor há 20 anos: o individualismo.

A ética da autenticidade, portanto, é um fenômeno decorrente deste novo horizonte moral doador de sentido centrado no indivíduo consigo mesmo e na sua própria subjetividade. Em um primeiro momento, pretendemos mostrar as origens desse *Ethos* social, seguiremos discorrendo sobre as suas principais características e, por fim, as objeções mais comuns à esse fenômeno.

1. Fundamentação teórica

John Stuart Mill (1806-1873) no capítulo três de sua obra, *Sobre a liberdade*(2011) discorre sobre a individualidade como um dos elementos do bem-estar. Neste capítulo, Mill sustenta que os indivíduos *devem* ter a liberdade não somente de emitir as suas opiniões, mas, também de agir de acordo com elas e aplicá-las em suas vidas e não ter com isso nenhum impedimento, nem físico e nem moral, desde que não se cause dano a terceiros.

Mill, como a maior parte dos filósofos pragmáticos ingleses, não considera a realidade da chamada liberdade da vontade ou liberdade interna. Ele considera apenas a chamada liberdade de ação ou liberdade externa. Assim, ele se refere aos impedimentos físicos por meio de punições estatais, mas em relação aos impedimentos morais, Mill se refere à coerção social expressa em opiniões, gostos e costumes majoritariamente aceitos. Desse modo, Mill conclui que o princípio elementar de sua tese no terceiro capítulo seria unicamente aquele em que o desejável em coisas que não dizem respeito a terceiros, a individualidade se imponha.

Neste trabalho pretendemos mostrar que se Mill não foi o autor da ética da autenticidade, certamente foi um dos seus maiores entusiastas. Este modelo de ética emergiu justamente como um dos efeitos das conquistas das liberdades individuais amplamente difundidas a partir do Séc XIX, dentre os grandes difusores está o próprio Mill. Não obstante, as suas origens remontam ainda tempos anteriores a revolução francesa como sustenta Lionel Trilling (1905-1975) em sua obra: *Sinceridade e autenticidade*(2014).

Pretendemos também apresentar que o individualismo decorrente dessas conquistas individuais do Séc. XIX trouxe não somente um enorme ganho social, mas também um novo fenômeno, ou nas palavras de Charles Taylor (1931-) em sua obra *Ética da autenticidade*(2010), “uma *malaise*”, que diz respeito a uma ética centrada na subjetividade de um indivíduo.

Por fim, pretendemos argumentar sobre quais seriam as principais críticas a ética da autenticidade e os eventuais limites a essa concepção ética fundada na subjetividade do indivíduo.

2. Resultados alcançados

O objetivo desta pesquisa é analisar criticamente a assim chamada ética da autenticidade, como uma tentativa de revisão moral da sociedade acrescentando o elemento estético a conduta moral dos indivíduos. Pretendemos mostrar que este novo *Ethos* tem influenciado o modo de vida social na contemporaneidade sustentando a inclusão dos sentimentos e percepções subjetivas à vida moral dos indivíduos.

Segundo Charles Taylor, a ética da autenticidade surgiu como um dos efeitos da conquistas das liberdades individuais amplamente difundidas a partir do Séc XIX. Com efeito, o individualismo decorrente dessas conquistas trouxe não somente um enorme ganho social, mas, também, uma ruptura de certas condutas sociais desenvolvidas por séculos. Assim, esse novo modo de vida centrada no “eu” e a conseqüente ruptura com a ordem social desencadeou o fenômeno da autenticidade onde a subjetividade seria o horizonte moral das ações e modos de vida.

As origens deste fenômeno surgiram, portanto, da necessidade dos indivíduos em se mostrarem verdadeiros consigo mesmo e expressar seus sentimentos a sociedade. Surge assim, o *indivíduo sincero* que seria aquele cuja sinceridade é evidenciada pela fidelidade aos seus sentimentos e percepções do mundo, mesmo que isso implique em grande esforço, pois, em alguns momentos, a subjetividade e os sentimentos de um indivíduo, especialmente o que resulta desta subjetividade, entram em conflito com padrões de conduta sociais estabelecidos majoritariamente.

Do ponto de vista social, porém, existe a percepção em acolher o relativismo como padrão de conduta frente à essa subjetividade sob o argumento do respeito mútuo. Como observou Charles Taylor, é muito comum, na sociedade contemporânea a aceitação deste relativismo no sentido de uma aceitação, ou porque não dizer, até mesmo de uma promoção de uma cultura da personalidade, onde as escolhas morais também são influenciadas por elementos estéticos. Assim, temos uma proposta ética subjetiva de valores e normas. Por outro lado, os detratores da ética da autenticidade sustentam que esta poderia ser considerada como uma espécie de distrofia do individualismo, produzindo indivíduos narcisistas e uma sociedade permissiva e cujo único objetivo satisfazer as suas próprias inclinações.

Não obstante, não resta dúvida de que, a despeito no enorme ganho que o individualismo trouxe para a civilização no sentido de dar dignidade aos indivíduos frente às tiranias, a ética da autenticidade, por sua vez, é um fenômeno decorrente dessas conquistas que imprime um individualismo da autorrealização e autodeterminação. Onde o acento recai sobre o indivíduo e a “sinceridade a si mesmo”; Seus próprios princípios e modos de vida com base em sua própria subjetividade.

Pretendemos assim fazer algumas considerações introdutórias sobre a ética da autenticidade, seus princípios e sua influência na contemporaneidade. Pretendemos também argumentar se não haveria limites à essa concepção de uma ética fundada em princípios subjetivos cujo mote indica uma liberdade autodeterminante na pretensão de trazer significado para a vida de um indivíduo.

Conclusões

Pretendemos assim, fazer uma análise crítica introdutória sobre a ética da autenticidade, especialmente na obra *A ética da autenticidade*, de Charles Taylor, *Sinceridade e autenticidade*, de Lionel Trilling e mostrar a influência de John Stuart Mill em sua obra: *Sobre a Liberdade* para este modelo ético na contemporaneidade. Pretendemos também argumentar sobre quais seriam as principais críticas a ética da autenticidade e os eventuais limites a essa concepção ética fundada da subjetividade do indivíduo.

Referências bibliográficas:

MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. Petrópolis: Vozes, 1991.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. São Paulo: É Realizações, 2011;

_____. **As Fontes do Self. A construção da identidade moderna**. Tradução: Adail

Sobral e Dinah Azevedo. 3ed. São Paulo: Loyola, 2011;

TRILLING, Lionel. **Sinceridade e Autenticidade: a vida em sociedade e a afirmação do eu.** São Paulo: É Realizações Editora, 2014;